

Revisitando o clássico *História da Linguística*, de Joaquim Mattoso Camara Jr.

Revisiting the classic *History of Linguistics*, by Joaquim Mattoso Camara Jr.

Gabriel de Ávila Othero¹, Valdir do Nascimento Flores²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

RESUMO

Este artigo apresenta um detalhamento do trabalho histórico-crítico empreendido pelos autores deste texto na republicação da obra “História da Linguística”, de Joaquim Mattoso Camara Jr., um clássico da historiografia linguística brasileira. O livro de Mattoso foi publicado pela Editora Vozes originalmente em 1975, cinco anos após a morte do autor. A edição crítica e comentada que apresentamos, também publicada pela Editora Vozes, chegou ao cenário editorial brasileiro em 2021. Essa edição apresenta alterações de diversas naturezas ao texto original. Aqui, nos detemos a analisar as notas de rodapé e os comentários de fim que escrevemos, mostrando a concepção e os objetivos dessa nova edição do texto clássico de Camara Jr.

PALAVRAS-CHAVE:

História da Linguística. Linguística Brasileira. Edição Crítica.

ABSTRACT

This article details the historical-critical work undertaken by the authors of this text in the republication of the book “História da Linguística,” by Joaquim Mattoso Camara Jr., a classic of Brazilian linguistic historiography. Camara Jr.’s book was originally published by Editora Vozes in 1975, five years after the author’s death. The critical edition we presente, also published by Editora Vozes, was released in 2021. This edition presents interferences of different natures. Here, we analyze the footnotes and end comments we wrote, showing the conception and objectives of this new edition of Camara Jr.’s classic work.

KEYWORDS:

History of linguistics. Brazilian linguistics. Critical edition.

Recebido em: 18 jun. 2025

Aceito em: 25 out. 2025

1. Introdução

O linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1970) é internacionalmente reconhecido por introduzir a linguística no Brasil, além de ter desenvolvido e publicado trabalhos pioneiros

¹ E-mail: gabriel.othero@ufrgs.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2060-6312>.

² E-mail: vnf.ufrgs@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>.

sobre a morfologia e a fonologia do português brasileiro (cf. Camara Jr. 1969, 1970, por exemplo). Um de seus livros mais citados até hoje é “História da Linguística”, obra de grande importância na linguística brasileira, pois foi a primeira história da linguística suficientemente ampla produzida por um linguista brasileiro. As circunstâncias de sua redação, organização e posterior publicação, no entanto, não seguiram um caminho tradicional.

“História da Linguística” (doravante HdL) foi originalmente derivado de uma série de aulas ministradas por Camara Jr., em inglês, na Universidade de Washington, em 1962, durante o *Linguistic Institute*, patrocinado pela *Linguistic Society of America* (LSA). Cursos semelhantes foram ministrados por Camara Jr. três anos e meio depois, em Montevideu, Uruguai, por ocasião do I Instituto de Linguística, promovido pelo Programa Interamericano de Ensino de Linguística e Línguas (PILEI) e pela Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) – e no México, em outro Instituto Linguístico patrocinado pelas mesmas entidades. As notas desses cursos foram posteriormente traduzidas para o português – algumas por Camara Jr., mas a maioria por Maria do Amparo Barbosa de Azevedo, ex-aluna de Camara Jr. – e publicadas, postumamente, pela Editora Vozes, em 1975. Mattoso faleceu em 4 de fevereiro de 1970, sem ter conseguido organizar o material em forma de livro e sem ter a possibilidade de revisar o texto antes da publicação.

Recentemente, tivemos a oportunidade de revisar o livro de Mattoso e publicar uma nova versão de seu trabalho pioneiro na história da linguística (cf. Camara Jr. 2021).³ Essa nova edição está repleta de pequenas correções, notas biográficas e bibliográficas e vem complementada com quase 200 páginas de comentários. Os comentários têm propósitos diferentes: (i) há casos em que simplesmente adicionamos algumas informações sobre autores e obras referidos no livro; (ii) há casos em que expandimos alguma informação ou ideia, seja porque julgamos que são muito breves ou porque podem gerar alguma ambiguidade; e (iii) há casos, ainda, em que buscamos contextualizar historicamente as explicações fornecidas por Camara Jr., procurando indicar o contexto que o autorizou a dizer o que disse – quando necessário, indicamos alguns desdobramentos posteriores relacionados ao assunto.

Dois tipos de pesquisa estão na base de nosso trabalho: primeiro, a leitura atenta do livro publicado, tornando-o *causa petendi* de um comentário quase exegético. Ou seja, queríamos entender o máximo possível o texto que nos foi disponibilizado. Em segundo lugar, a exploração de uma vasta bibliografia que nos permitiu acompanhar a erudição de Mattoso Camara Jr.

³ Na Apresentação da edição, exploramos mais detalhadamente essas questões – cf. Anexo I.

Aqui, neste artigo, pretendemos apresentar o interessante e pioneiro trabalho de Camara Jr. sobre a história da linguística e mostrar um pouco do trabalho crítico e complementar que realizamos sobre seu texto original, a fim de trazê-lo de volta à vida no início deste novo século. Para tanto, dividimos este artigo em quatro partes, além desta breve introdução. Na seção 2, discutimos os comentários do tipo (i) referidos acima, mostrando exemplos ao leitor; na seção 3, discutimos os comentários do tipo (ii) e, finalmente, na seção 4, apresentamos e discutimos os comentários do tipo (iii) mencionados acima. Todas as seções são acompanhadas de exemplificação abundante. Por fim, tecemos breves considerações finais, em que convidamos o leitor a julgar por si mesmo esse capítulo da historiografia linguística que nos aventuramos a republicar.

2. Comentários e revisões sobre autores e obras referidos no HdL

Mattoso cita ou menciona, de maneira impressionante à época (e mesmo impressionante para os dias de hoje), nada menos do que 338 linguistas, filósofos, cientistas e pensadores ao longo do HdL (cf. Anexo II). No texto sobre o qual nos debruçamos, em geral, não havia nenhuma informação sobre a maioria dos pesquisadores e pensadores citados, salvo sobre aqueles que eram personagens centrais ou importantes na abordagem de Mattoso – é o caso de Bopp, Grimm, Schleicher, Saussure, Secheyay, Meillet, entre outros. Decidimos então que seria interessante apresentar mais informações ao leitor e, por isso, disponibilizamos, em nota de rodapé, o nome completo de cada pesquisador citado, com alguma breve contextualização. Vejamos alguns exemplos: às páginas 241-243,⁴ lemos os seguintes trechos (os números entre parênteses na passagem referem-se à enumeração de comentários nossos de outra natureza, tal como discutiremos na próxima seção):⁵

Começaremos pela escola inglesa de *J. R. Firth*, professor de Linguística Geral na Universidade de Londres (2), que desenvolveu a teoria e a técnica da análise linguística descritiva mais ou menos no espírito da abordagem de Bloomfield, como ele próprio nos diz no seu artigo “Atlantic linguistics” [Linguística atlântica] (*Archivum Linguisticum*, Glasgow, 1949, p. 1-2). Entre seus seguidores, mais ou menos ortodoxos, podemos citar *C. E. Bazell*, *W. Sidney Allen* e *M. A. K. Halliday*.

[...]

Seu pensamento linguístico está profundamente associado com a escola inglesa de antropologia social cujas principais figuras são *Malinowski*, o conhecido antropólogo polonês que fez da Inglaterra seu segundo lar, e o discípulo deste, *Raymond Firth*. Malinowski expôs sua visão de língua dentro da antropologia em um “Apêndice” do livro *The Meaning of Meaning: A Study of the Influence of Language upon Thought and of the*

⁴ A paginação mencionada fará sempre referência à edição revista e comentada (cf. Camara Jr. 2021).

⁵ Destacamos em itálico os nomes dos pesquisadores citados por Mattoso no trecho.

Science of Symbolism [O significado do significado: um estudo da influência da língua sobre o pensamento e da ciência do simbolismo] (1923), de *Ogden e Richards*, livro esse que, como veremos mais tarde, visava ao desenvolvimento de uma teoria linguística de sinais e lançava a base de uma semântica descritiva (3). [...]

Na Dinamarca, temos de mencionar as figuras de *Viggo Brøndal* e Louis Hjelmslev, que tal como Sechehaye, a quem já tivemos a oportunidade de apreciar, visavam a uma teoria geral da linguagem, da qual a linguística deveria ser derivada dedutivamente (7).

Nos trechos em destaque acima, são mencionados, pela primeira vez, os nomes dos linguistas J. R. Firth, C. E. Bazell, W. Sidney Allen, M. A. K. Halliday, Malinowski, Raymond Firth, Ogden, Richards e Viggo Brøndal. Efetuamos uma pesquisa biobibliográfica sobre os pesquisadores mencionados e acrescentamos as seguintes (breves) informações sobre cada um deles, respectivamente, em notas de rodapé:⁶

- John Rupert Firth, linguista inglês (1890-1960).
- Charles Ernest Bazell, linguista inglês (1909-1984).
- William Sidney Allen, linguista inglês (1918-2004).
- Michael Alexander Kirkwood Halliday, linguista inglês (1925-2018).
- Bronisław Kasper Malinowski, antropólogo polonês (1884-1942).
- Raymond William Firth, etnólogo neozelandês (1901-2002).
- Charles Kay Ogden, linguista e filósofo inglês (1889-1957).
- Ivor Armstrong Richards, crítico literário inglês (1893-1979).
- Viggo Brøndal, filólogo dinamarquês (1887-1942).

Como se vê, são notas breves que tinham, em especial, duas intenções. A primeira era não distrair o leitor do texto original mattosiano. Sendo notas de rodapé (e não notas de fim, como as que mostraremos nas próximas duas seções), nosso esforço foi deixá-las tão breves e informativas quanto possível. Uma das ideias que estão desde a gênese da concepção da versão revista e comentada do HdL era efetuar o mínimo possível de interferências no texto disponibilizado pela editora, mas, sempre que isso se fez necessário, tivemos a preocupação de informar o leitor, através de notas (de fim de capítulo ou de pé de página). Quisemos possibilitar ao leitor encontrar e ler o texto o mais perto possível da versão publicada em 1975, se o leitor desejasse ter acesso ao texto sem os comentários (voltaremos a esse ponto nas próximas seções). A segunda intenção das notas biográficas era situar o leitor no tempo e no espaço. Dito de outra forma, tentamos informar a ocupação principal de cada pensador citado por Mattoso (se linguista, antropólogo, filólogo, filósofo etc.), sua nacionalidade (ou, em alguns casos, o país em que atuava profissionalmente) e

⁶ São as seguintes notas presentes na HdL: 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374 e 375.

as datas de nascimento e morte que permitem ao leitor traçar uma linha cronológica imaginária, à medida que avança na leitura do texto.

Outra intervenção que fizemos, dessa vez, no próprio corpo do texto, é que, além dessas pequenas informações biográficas fornecidas em nota de rodapé, também decidimos que os títulos das obras citadas por Mattoso mereceriam receber uma tradução para o português, facilitando (assim imaginamos) a fluidez e a compreensão da leitura do HdL pelo leitor falante de português. Mantivemos sempre os títulos originais referidos por Mattoso e apresentamos, imediatamente na sequência, uma tradução – na maioria das vezes livre – do título, entre colchetes. Além disso, pensando em auxiliar o leitor a se localizar no eixo temporal da história da linguística, acrescentamos, entre parênteses, sempre que possível, o ano de publicação da obra, algo que tampouco estava presente no texto original do HdL. Podemos ver exemplos nos trechos abaixo (p. 44-45):

Essa iniciativa de Leibniz e o grande interesse pessoal da imperatriz da Rússia, Catarina II, que reinou depois de Pedro, o Grande, estimulou a elaboração de grandes repertórios de todas as línguas então conhecidas, tais como o *Linguarum Totius Orbis Vocabularia Comparativa* [Vocabulário comparativo de todas as línguas do mundo] (22), de Pallas, no final do século XVIII, e nos começos do século XIX, o *Catalogo de Las Lenguas de las Naciones Conocidas* [Catálogo das línguas das nações conhecidas] (23), em espanhol, e o *Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde* [Mitrídates ou estudos gerais de linguagem] (24), em alemão.

De um aspecto mais “paralinguístico” foram os esforços para descobrir-se a origem da linguagem, partindo de um terreno filosófico, tais como os debates de Hobbes (25), Rousseau (26), Monboddo (27) e Condillac (28). Um desses ficou famoso pelos apreciáveis pontos de vista que oferece quanto à natureza e função da linguagem: é o ensaio do estudioso alemão Johann Gottfried Herder sobre a origem da linguagem *Abhandlung über den Ursprung der Sprache* [Ensaio sobre a origem da linguagem] (1772) (29), escrito para um concurso aberto pela Academia de Ciências de Berlim. [...]

Ao lado de Herder, como um estudioso “paralinguístico”, devemos colocar o italiano João Batista Vico (30), que em seus trabalhos, particularmente no *Scienza Nuova* [Nova ciência] (1725), desenvolveu ideias filosóficas a respeito da linguagem.

Por último, cabe dizer que fizemos alguns ajustes terminológicos que foram indicados também nas notas de rodapé. Por exemplo, entre as páginas 145 e 150 do HdL, lemos:⁷

O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da *língua* (8). Encarava-a como um sistema de signos. Ela se lhe apresentava como a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com signos. Considerava a linguística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos, ou *Semiologia* (9) (10). Mas Saussure não se detinha na *Semiologia* em geral. [...]

A solução dada por Saussure a este problema foi incisiva e penetrante. Fez uma nítida distinção entre a *língua* (15) propriamente dita (*la langue*) e a *fala* (16) (*la parole*).

⁷ A exemplo do que fizemos acima para indicar, nas passagens do HdL, os locais onde se inserem as notas de rodapé referentes aos autores citados por Mattoso, destacamos aqui, em *itálico*, os termos que foram objeto de alguma alteração.

A esses termos destacados, acrescentamos as seguintes notas de rodapé⁸:

No original, “linguagem”.
No original, “Semasiologia”.
No original, “Semasiologia”.
No original, “linguagem”.
No original, “discurso”.

Ora, em alguns casos, vimos que essas intervenções se faziam necessárias, em especial, em função das condições específicas da origem da obra. O HdL é, como dissemos, uma tradução não revisada por Mattoso, e percebemos que, em alguns casos, essa tradução poderia embaçar a abordagem objetiva do tema em estudo. Mattoso, obviamente, é conhecedor da distinção saussuriana entre *língua* e *fala*, “*langue*” e “*parole*”, em francês; por isso, não se justificaria usar os termos “linguagem” e “discurso”, certamente oriundos das traduções do inglês⁹. O mesmo se deu com o uso de “Semasiologia” por “Semiologia”, na passagem acima.

Nesse caso e em outros semelhantes, vimo-nos, portanto, na obrigação de tecer comentários e incluir notas que, bem entendido, não objetivaram “corrigir” a tradução – o que seria descabido sem prévia consulta detida ao original –, mas “abrir” o texto a outras interpretações, precisar ideias, desfazer possíveis ambiguidades.

Essas pequenas alterações, assim como as notas de rodapé com informações biográficas sobre os autores citados, tiveram tanto o objetivo de não “perturbar” a leitura da edição original do HdL como o de fornecer elementos adicionais e levemente relevantes para que o leitor pudesse construir melhor essa verdadeira narrativa que conta a história da linguística apresentada por Mattoso. Na próxima seção, explicaremos os números entre parênteses presentes nos trechos que apresentamos acima.

⁸ São as seguintes notas presentes no HdL: 215, 216, 217, 219 e 220.

⁹ Mattoso, em *Princípios de Linguística Geral* (Camara Jr., 1942), havia traduzido os termos *langue* por “língua” e *parole* por “fala” ou “discurso”, como atestamos no seguinte trecho: “Foi o reconhecimento dessa verdade que se cristalizou na doutrina, hoje clássica, do mestre suíço Ferdinand de Saussure: a LÍNGUA (fr. *la langue*) é um sistema de elementos vocais comum a todos os membros de uma dada sociedade e que a todos se impõe como uma pauta ou norma definida. A seu lado, distingue Saussure a FALA, ou, mais precisamente o DISCURSO (fr. *la parole*), que é a atividade linguística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo” (1942, p. 24). Esse livro foi escrito e publicado muito antes da tradução brasileira do CLG, cuja primeira edição data de 1970; só então se passou a adotar os termos “língua” (para *langue*) e “fala” (para *parole*) de maneira padronizada.

3. Comentários de fim I: elaboração de algumas ideias mencionadas no texto

Como vimos, decidimos manter, junto ao texto da edição original de HdL, apenas mudanças breves e pontuais: em notas de rodapé, somente informações biográficas e outras de uso terminológico decorrente da tradução; no corpo do texto, apenas traduções dos títulos de obras citadas por Mattoso, juntamente com seu ano de publicação. No entanto, por ser esta uma edição *comentada*, também tecemos comentários maiores (há comentários que ocupam mais de três páginas). Uma saída que encontramos para elaborar comentários maiores sem interferirmos demasiadamente no texto da edição original do HdL foi organizar a seção de comentários após o término do texto de Mattoso. Assim, no corpo do texto aparecem apenas números (entre parênteses) que indicam ao leitor onde encontrar o comentário no final do livro. Dessa forma, pensamos que o leitor poderia ter duas experiências de leitura distintas: pode ler o texto mattosiano (praticamente) tal como publicado originalmente em HdL, ou pode ler o texto acompanhando cada comentário nosso ao final do livro.

Os comentários, como dissemos, expandem e elaboram alguns pontos mencionados no texto ou contextualizam certas ideias ao leitor contemporâneo. Lembre-se que o HdL foi um livro publicado postumamente, sem que Camara Jr. pudesse ter revisado sua redação final. E a gênese do livro foram as anotações de aula de Mattoso, dos cursos sobre história da linguística que havia ministrado (cf. Anexo I). Ou seja, não se trata de um texto elaborado e pensado para publicação em formato de livro; antes, trata-se de um texto para ser lido durante uma aula, em que é possível repensar, elaborar e expandir as ideias-chave de acordo com linhas de raciocínio que vão surgindo no momento da aula – inclusive com base em perguntas e comentários de quem está participando do curso.

Dito isso, trataremos, nesta seção, dos comentários do primeiro tipo, em que expandimos algumas das ideias presentes no HdL, “abrindo”, de certa forma, o texto de Mattoso. Vejamos alguns exemplos. No trecho a seguir (p. 206-209, grifos nossos), há cinco notas explicativas enumeradas entre parênteses (notas 10 a 14).

[...] A princípio, o ataque teve grande sucesso e Vinogradov, por exemplo, admitiu ter errado. Mais tarde, porém, o jornal oficial *Pravda* (10) publicava um artigo muito importante contra a “nova doutrina”, da pena do linguista georgiano A. Chikobava (*Über einige Fragen der sowjetischen Sprachwissenschaft* [Sobre algumas questões de linguística soviética], 9 de maio de 1950) e, na polêmica que se seguiu, o próprio Stalin tomou parte para condenar Marr (11), a quem ele considerava um simplificador e popularizador do marxismo, que tentara se tornar um marxista, mas que não o conseguira por sua formação pré-marxista.
[...]

O cerne dessa nova abordagem ao indo-europeu era a convicção de que o empréstimo entre as línguas em contato geográfico é o fenômeno básico da mudança linguística e dá lugar ao nascimento de grupos linguísticos, de modo a se supor não mais haverem aqueles grupos se fragmentado através de sua evolução de uma protolíngua unitária, como é hipótese essencial na gramática comparativa tradicional.

Uma atitude mais condizente foi tomada, a esse respeito, por Trubetzkoy (12), cujo trabalho, como chefe do Círculo Linguístico de Praga (13), teremos de apreciar mais tarde. Estabeleceu uma distinção entre as famílias linguísticas resultantes da fragmentação de uma protolíngua, como era o caso da família indo-europeia, e uma liga linguística (*Sprachbunde*) na qual as línguas, geneticamente à parte, sofrem um processo de nivelamento através de um permanente contato geográfico. De acordo com Trubetzkoy, devemos levar em consideração as áreas linguísticas nas quais as línguas de origens diferentes se tornam tipologicamente relacionadas nesse tipo de liga.

Daí a linguística haver buscado estabelecer um ponto de partida entre a evolução e o empréstimo na mudança linguística.

[...] Tendo como objetivo principal uma comparação aproximada das raízes das palavras a fim de pôr de lado aquelas que a evidência comprova não terem qualquer relação, leis fonéticas bem formuladas podem ser dispensadas e se torna possível ampliar a comparação linguística num processo amplo e ousado. Ademais, pretendeu-se que, ao se aplicar esse método a línguas cuja história é suficientemente conhecida, e ao partir-se de um número mínimo de itens daquele vocabulário básico, parece haver uma categoria universal e constante no processo daqueles itens lexicais. Daí haver surgido um novo método comparativo baseado em um tipo de estatística léxica e chamado de “glotocronologia” (14), uma vez que, pela proporção das substituições, é possível determinar-se, de forma aproximada, há quanto tempo atrás uma língua se fragmentara da protolíngua.

Nossa ideia, como dissemos, foi tecer comentários que pudessem expandir algumas ideias centrais do texto mattsosiano. No trecho acima, por exemplo, fornecemos ao leitor os seguintes comentários:

1. Sobre o jornal oficial *Pravda*, comentário (10):

O *Pravda* foi um importante jornal da União Soviética e um órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética entre 1918 e 1991. (p. 384)

2. Sobre Stalin e Marr, comentário (11):

Conforme Auroux (1998: 439), o *Pravda* publicou, no ano de 1950, um conjunto de críticas ao marrismo que são, por sua vez, respondidas pelos partidários do marrismo. Em 20 de junho, o próprio Stalin publica um texto no qual defende que a língua não é uma simples superestrutura, mas algo que é comum a todos os membros de uma sociedade. O texto – em sua versão francesa, única à qual tivemos acesso –, intitulado *Le marxisme et les problèmes de linguistique* [O marxismo e os problemas de linguística] põe fim à era de Marr ao mesmo tempo que chama a atenção para os termos pelos quais essa teoria foi concebida (cf. Staline 1975). (p. 384)

3. Sobre Trubetzkoy, nesse contexto, comentário (12):

Sériot (2000) explica que o período do pós-revolução na URSS colocou em confronto duas tendências linguísticas: “uma triunfante na URSS, declarada linguística oficial, e outra na emigração, cobrindo de anátemas a primeira: trata-se do marrismo e do eurasianismo” (Sériot 2000: 473). O marrismo, como vimos, tem em Marr seu maior expoente; o

eurasianismo, em linguística, tem em Trubetzkoy seu maior representante. “Em 1921, em Sófia, um grupo de intelectuais russos emigrados, entre os quais o linguista N. S. Trubetzkoy, funda o movimento eurasionista. O ‘eurasionismo’ é uma corrente de pensamento – muito importante na emigração russa do entre guerras – para a qual a Rússia não está nem na Europa nem na Ásia, mas em um terceiro continente, em um ‘mundo à parte’, situado a leste da Europa e ao norte da Ásia” (Sériot 2000: 474). O grande linguista Roman Jakobson, embora não tenha feito parte da fundação do movimento, teve simpatia por ele e chegou mesmo a participar de suas publicações. Jakobson, já no final de sua vida, retoma o tema do eurasionismo na conversa que teve com sua esposa, Krystyna Pomorska, reproduzida no livro *Diálogos*, em especial no capítulo *O fator espaço*. (p. 384-385)

4. Sobre o Círculo Linguístico de Praga, comentário (13):

O Círculo Linguístico de Praga foi um grupo de intelectuais que pensavam a linguagem e a literatura, reunidos em Praga nas décadas de 1920 e 1930. Desse grupo, fizeram parte linguistas que exerceram grande influência no pensamento linguístico ocidental do séc. XX, tais como Roman Jakobson, Vilém Mathesius e Nikolai Trubetzkoy. Mathesius foi o primeiro presidente do Círculo. (p. 385)

5. Sobre a glotocronologia, comentário (14):

A glotocronologia é uma técnica desenvolvida por Morris Swadesh para determinar a época em que duas línguas aparentadas se tornaram distintas de sua língua-mãe comum. (p. 385)

Como se vê, são comentários que têm a intenção de expandir, explicar e elaborar alguns pontos do texto original presente no HdL, trechos que talvez o próprio Mattoso tivesse expandido se tivesse organizado as notas de seus cursos para fins de publicação.

Na próxima seção, também apresentaremos comentários que fizemos ao final do livro; são, no entanto, comentários que visam contextualizar e até mesmo atualizar algumas das ideias presentes no HdL para o leitor contemporâneo de Camara Jr.

4. Comentários de fim II: contextualização de algumas ideias mencionadas no texto

O texto de HdL foi escrito por Mattoso para ministrar cursos sobre a história da linguística no começo da década de 1960. Mattoso era um linguista extremamente engajado e conhecedor da história da linguística e da linguística de seu tempo. Por isso, entre outras coisas, Mattoso cita, por exemplo, Noam Chomsky, então recém começando sua carreira no MIT¹⁰. Algumas das noções e dos conceitos explicados por Mattoso em HdL evoluíram, se modificaram ou foram mesmo abandonados com o desenvolvimento dos estudos linguísticos dos anos seguintes. Em nossos comentários, tentamos desenvolver alguns desses pontos, mostrando ao leitor como se deu o desenvolvimento de alguns temas e conceitos teóricos que foram tratados por Mattoso ou mesmo

¹⁰ O primeiro livro que Chomsky publica, “Estruturas Sintáticas”, é de 1957.

atualizando algumas informações factuais. Vejamos alguns exemplos nos trechos em destaque (p. 232-236, grifos nossos):

O trabalho que formulou uma ampla teoria e técnica para esses estudos e abordagens foi o livro de Leonard Bloomfield, intitulado *Language* [Linguagem], em 1933 (2).

[...]

Ao lado do fonema, em fonologia, Bloomfield desenvolveu para a morfologia o conceito de “forma mínima” como a unidade estrutural básica do discurso. Dividiu-a em “formas livres” e “formas presas” e através do conceito de “formas livres” chegou a uma doutrina do vocábulo, muito funcional. Seus discípulos preferiram o termo “morfema” a “forma mínima” e desenvolveram para os enunciados a técnica da análise componencial, visando obter os “Constituintes Imediatos” desses enunciados, como unidades mínimas estruturais de uma língua (8).

Essa técnica descritiva básica tem sido incessantemente aperfeiçoada com métodos muito elaborados e nomenclaturas muito complexas. Podemos dizer que, dentro da linguística bloomfieldiana, há, com referência tanto a método quanto à nomenclatura, muitas tendências divergentes.

A mais importante das divergências diz respeito ao uso de dados semânticos na análise linguística.

Bloomfield sustentava que a semântica não é cientificamente manipulável em termos linguísticos e estava inclinado a deixá-la de lado no estudo da linguagem e colocá-la, antes, como pertencente aos estudos filosóficos (9).

Esses trechos trazem os comentários (2) e (9):

1. Sobre a seminal publicação de *Language*, comentário (2):

A publicação de *Language* é considerada um marco da linguística no Ocidente. Em *Language*, encontramos os esforços de Bloomfield tanto para sintetizar investigações e análises linguísticas já realizadas à época como para apresentar seu próprio ponto de vista sobre a linguagem e sobre a constituição da linguística como ciência autônoma. Inserido que estava no contexto da linguística estruturalista norte-americana e da psicologia comportamentalista (ou behaviorista) de então, Bloomfield advoga, em *Language*, que métodos empíricos sejam empregados na investigação linguística e “insiste que uma teoria científica da linguagem deva rejeitar qualquer dado que não seja diretamente observável ou fisicamente mensurável” (Malmkjaer 2006: 70). Tais postulados serão largamente criticados anos mais tarde pelo linguista norte-americano Noam Chomsky, em especial em seus trabalhos da década de 1950. (p. 399-400).

2. Sobre Bloomfield e o estudo da semântica, comentário (9):

Bloomfield herda e deixa de herança a postura de que os estudos semânticos devem ser relegados a um segundo plano. Em parte porque, à época, o estudo do significado não podia ser facilmente reduzido a elementos que fossem passíveis de uma sistematização taxonômica, tais como o eram as entidades de natureza fonêmica ou morfêmica (como fones, fonemas, formas livres, morfemas, etc.), por exemplo. Em parte, também por conta de certa “aversão” a fenômenos mentais sustentada pela psicologia behaviorista que estava, como vimos, por trás da linguística estruturalista norte-americana. Por isso, não apenas Bloomfield, mas também outros estruturalistas conhecidos (como Trager e Harris) “preferiam confiar mais na recorrência de padrões formais do que em intuições sobre o significado” (Collinge 1990: 41).

Como afirmam Battisti, Othero & Flores (a sair)¹¹, em mais um trecho de seu capítulo “Estruturalismo”, “a teoria de Bloomfield tem uma natureza fortemente taxonômica, uma

¹¹ O livro foi publicado em 2021, sob o título *Conceitos Básicos de Linguística: Sistemas Conceituais* (São Paulo:

vez que elaborou uma classificação exaustiva dos elementos das línguas examinadas ao lado das restrições combinatórias desses elementos. Isso fica muito claro no artigo ‘Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem’, no qual Bloomfield (1978) define os termos pelos quais, em sua linguística, ‘as coisas podem existir independentemente e que coisas são interdependentes’ (Bloomfield 1978: 45). Um aspecto importante derivado dessa visão taxonômica é que Bloomfield acaba rechaçando para o exterior dos estudos linguísticos qualquer consideração ao significado; vale dizer, o distribucionalismo não investe em um estudo semântico científica e rigorosamente balizado. Para ele, o significado de uma forma linguística é nada menos que ‘a situação em que o falante a enuncia e a reação que ela provoca no ouvinte’ (Bloomfield 1982: 29), quer dizer, algo de natureza não linguística”.

Curiosamente, tal postura continua a ser seguida nos primeiros anos pós-estruturalistas nos Estados Unidos, com o desenvolvimento da linguística gerativa. Em *Estruturas sintáticas*, de 1957, Noam Chomsky afirma: “Muitos esforços têm sido feitos na tentativa de responder à pergunta ‘Como se pode construir uma gramática sem apelar para o significado?’ Essa pergunta, na verdade, não está bem-formulada, já que a implicação de que obviamente é possível construir uma gramática apelando para o significado é completamente não comprovada. Poder-se-ia, com igual motivação, perguntar: ‘Como se pode construir uma gramática sem saber a cor do cabelo dos falantes da língua?’. A pergunta que deveria ser feita é a seguinte: ‘Como se pode construir uma gramática?’ Não conheço nenhuma tentativa detalhada para desenvolver a teoria da estrutura gramatical em termos parcialmente semânticos, nem qualquer proposta específica e rigorosa para o uso de informações semânticas na construção ou na avaliação de gramáticas. É inegável que a ‘intuição sobre a forma linguística’ é muito útil ao investigador da forma linguística (ou seja, da gramática). Parece também claro que o maior objetivo da teoria gramatical seja substituir essa dependência obscura na intuição por alguma abordagem rigorosa e objetiva. No entanto, há pouca evidência de que a ‘intuição sobre o significado’ seja realmente útil na investigação concreta da forma linguística” (Chomsky 2015[1957]: 136-137), grifos nossos.

Sobre esse trecho, Othero e Menuzzi comentam, na mesma obra e mesmas páginas do trecho citado acima: “[...] não chega a surpreender que, em *Syntactic Structures*, Chomsky vocalize, com respeito à semântica, as preocupações de seu ambiente de formação acadêmica. Neste, havia tantos estruturalistas devotados ao desenvolvimento de métodos que minimizassem o ‘apelo ao significado’ na análise linguística, como Zellig Harris, quanto filósofos preocupados com o estatuto ontológico de entidades mentais, como Quine e Putnam. De lá para cá, entretanto, a semântica desenvolveu-se a tal ponto que, embora não haja consenso sobre noções como a de ‘significado de uma expressão’ ou sobre os métodos para descrever e representar os significados, são poucos os *frameworks* de descrição gramatical que não possuem um componente semântico, no mínimo, razoavelmente esquematizado. Do mesmo modo, a literatura semântica especializada oferece hoje em dia um conjunto bastante sofisticado de instrumentos teóricos aplicados a vários domínios da significação linguística. Parece-nos que, hoje, Chomsky não estaria justificado em professar o mesmo ceticismo com a semântica que apresenta no presente capítulo”.

Sobre o tratamento da semântica no Estruturalismo norte-americano e europeu (e no gerativismo), recomendamos a leitura do capítulo 5, “O significado visto como um elemento externo à linguagem: Saussure e Chomsky”, de Moura & Cambrussi (2018). (p. 403-405).

Vejamos mais um exemplo, no seguinte trecho de Mattoso (p. 246, grifos nossos):

Nos moldes da doutrina do Círculo de Praga, Roman Jakobson (14), a quem já nos referimos como o mais importante colaborador de Trubetzkoy, desenvolveu, nos Estados Unidos da América, onde vive desde 1943 (15), uma teoria linguística descritiva (16), que já expôs em vários artigos, em um sucinto e muito compacto pequeno tratado, *Preliminaries to Speech Analysis: The Distinctive Features and Their Correlates*

[Preliminares à análise da fala: os traços distintivos e seus correlatos] (1952) (17), e no livrinho *Fundamentals of Language* [Fundamentos da linguagem] (1956) (18). Seus principais colaboradores nessa nova tarefa à qual se devotou são: Lotz, Morris Halle e G. Fant.

Destacamos os comentários (15) e (16):

1. Sobre Roman Jakobson, comentário (15):

Roman Jakobson faleceu em 18 de julho de 1982, em Cambridge (Massachusetts, EUA); estava vivo, portanto, quando Mattoso escreveu essas linhas.

Jakobson nasceu em 11 de outubro de 1896 na Rússia. Foi nesse país que ele desenvolveu grande parte de sua formação como estudante de linguística e filologia – em especial na Universidade de Moscou, onde concluiu seu Mestrado em 1918. Em 1920, contudo, desapontado com os rumos da revolução russa, Jakobson deixa seu país natal para se estabelecer em Praga. Devido à sua origem judaica, no entanto, Jakobson se vê obrigado a deixar Praga em 1939 e acaba se estabelecendo na Suécia. A iminência da guerra no país, contudo, fez com que ele deixasse de vez a Europa e fixasse sua residência nos Estados Unidos até o final de sua vida. Chegou a Nova Iorque no começo da década de 1940 e, em 1949, mudou-se para Cambridge, onde lecionou em Harvard e no MIT. (p. 416-417)

2. Ainda sobre Jakobson, comentário (16):

Mattoso, embora consciente da envergadura da obra de Jakobson, é bastante resumido nessa apresentação que faz do autor.

Porém, no momento em que nos dedicamos a comentar a obra de nosso mestre Mattoso Camara (50 anos após a publicação deste *História da linguística*), sabidamente um jakobsoniano, sentimo-nos na obrigação ética de alertar o leitor de hoje – em especial o jovem linguista em formação – de que é urgente que se retome a obra de Jakobson, e isso em todas as instâncias em que a linguística se faz presente. Nossa atitude, aqui, certamente não desagradaria Mattoso Camara, pois ele sabia que não há formação sólida possível em linguística sem o conhecimento do trabalho de Jakobson; a obra mattosiana, aliás, é testemunha desse conhecimento.

Sem dúvida, Roman Jakobson é um dos maiores nomes da linguística mundial. Sua monumental obra é responsável por grandes – e certamente alguns dos melhores – momentos da linguística. Quando falamos em um autor como Jakobson, as palavras se apequenam para dimensionar a magnitude de um linguista que abriu a linguística às diferentes áreas do conhecimento e que, com uma agudeza ímpar, proporcionou alguns dos mais importantes avanços da ciência nos últimos tempos. Seus trabalhos englobam a poesia, a pintura, a métrica, a teoria linguística geral, o folclore, a fonologia, a patologia da linguagem, a aquisição da linguagem, as línguas do mundo, a semiótica, o cinema, entre outros. Os números impressionam: como lembram Pomorska & Rudy (1992), Jakobson é autor de mais de seiscentas publicações entre livros e artigos. Boa parte dessa obra está reunida, em inglês, em oito volumes: os *Selected Writings*: Vol. I: *Phonological studies*; Vol. II: *Word and language*; Vol. III: *Poetry of grammar and grammar of poetry*; Vol. IV: *Slavic epic studies*; Vol. V: *On verse, its masters and explorers*; Vol. VI: *Early slavic paths and crossroads*; Vol. VII: *Contributions to comparative mythology. Studies in linguistics and philology*; Vol. VIII: *Major works, 1976-1980* (para uma relação completa da obra de Jakobson, ver Rudy 1984).

François Dosse (1993), em sua *História do estruturalismo*, é bem claro em dizer que Jakobson – chamado por Dosse de “o homem-orquestra” – é um “verdadeiro *globe-trotter* do estruturalismo, ele deve sua posição central e sua influência a um percurso que o levou da Moscou a Nova York, passando por Praga, Copenhague, Oslo, Estocolmo e Upsala, sem contar com as viagens muito frequentes a Paris. Reconstituir o seu itinerário equivale a

seguir as voltas e os desvios do paradigma estruturalista nascente, em sua escala internacional” (Dosse 1993: 76).

Enfim, o leitor já deve ter percebido, essas poucas observações que trazemos não fazem mais do que apresentar nossas escusas por falar tão pouco de um dos maiores pensadores que a linguística teve. Mas o registro é necessário e mesmo urgente. Esperamos que o pouco dito sirva para despertar o interesse pelo autor; esperamos, também, incitar o jovem linguista a se afastar do ponto final na busca pelo pensamento do mestre-linguista porque, como diz Frank (1992: 18), “muitos continuarão esta conversa sobre o fisicamente ausente, mas indelevelmente presente Roman Jakobson, que com o trabalho de sua vasta vida propiciará inspiração a outros ainda por muitos anos”. (p. 417-418)

Comentários como esses que apresentamos nesta seção tiveram, como vimos, o intuito de “atualizar”, de certa forma, o texto mattosiano. A intenção desse tipo de comentário foi contextualizar ao leitor certos fatos e ideias no desenvolvimento da linguística e lembrar o leitor que o texto de Mattoso (embora atual) foi escrito há mais de 60 anos.

5. Considerações finais

Dividimos este texto em três seções (além da Introdução e destas Considerações Finais) e apresentamos três tipos de intervenções que fizemos na redação e organização da edição comentada do HdL. Foram elas: (i) casos em que adicionamos informações sobre autores e obras; (ii) casos em que expandimos alguma informação ou ideia, seja porque achamos que são muito breves ou porque podem gerar alguma ambiguidade; e (iii) casos em que buscamos contextualizar historicamente as explicações fornecidas por Camara Jr. No entanto, essas não foram as únicas intervenções que fizemos no texto original, tal como publicado em 1975. Também efetuamos intervenções das seguintes naturezas: elaboramos uma apresentação à edição revista e comentada (cf. Anexo I), redigimos uma seção de “indicações técnicas”, organizamos um índice de nomes (cf. Anexo II) e um índice de línguas, redefinimos a diagramação de figuras e esquemas, redigimos um pequeno resumo ao final de cada capítulo, efetuamos revisão ortográfica e gramatical, atualizamos e revisamos a terminologia linguística empregada no texto, fornecemos a tradução de termos e títulos de obras que permaneciam no original e, finalmente (se nada nos escapa à memória), atualizamos caracteres especiais de notação linguística.

Convidamos o leitor deste primeiro quarto de século 21 a conhecer essa obra tão importante de Mattoso Camara Jr., nessa edição revista e comentada que analisamos e apresentamos aqui.

Referências

- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMARA JR. *História da linguística*. Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CAMARA JR. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- ALTMANN, M. C. F. S. Memórias da linguística na linguística brasileira. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 173-189, 1996.
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Org. Charles Bally e Charles-Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora Unicamp, 1988.
- CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Edição comentada. Trad. e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sergio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DE MAURO, T. Notes. Trad. Louis-Jean Calvet. In: SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1976.
- ENGLER, R. Préface. In: SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989. T. 1.
- LEÃO, A. V. A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a historiografia linguística. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 162- 170, 1. sem. 1999.
- MATOS, F. G. Apresentação. In: CAMARA JR., J. M. *História da linguística*. Trad. Maria de Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- PAGOTTO, E. G; FIGUEIREDO-SILVA, M. C.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Apresentação. In: CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Edição crítica. Petrópolis: Vozes, 2019.
- RODRIGUES, A. D. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 2, p. 11-28, dez./2005.
-

Anexo I: Apresentação da edição crítica e comentada, por Flores e Othero

*Esta edição crítica é a síntese, não a antítese do Curso de Linguística Geral (CLG)
e de suas fontes.*

(Rudolf Engler ao introduzir sua *Edição crítica* ao CLG)

O grande linguista francês Émile Benveniste inicia um de seus mais belos textos, escrito para ser proferido em forma de Conferência numa homenagem aos cinquenta anos da morte de Ferdinand de Saussure, afirmando: “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo” (Benveniste 1988: 34). Não seria exagero parafraseá-lo a propósito de Mattoso Camara no Brasil: não há um só linguista brasileiro que não lhe deva algo hoje.

A consciência disso faz pesar a tarefa da qual nos incumbimos: elaborar uma edição revista e comentada do livro *História da linguística*, publicado pela Editora Vozes em 1975. Os termos em que o livro foi concebido, as circunstâncias que o fizeram vir a público, o lugar que ocupa na historiografia da linguística brasileira e o valor simbólico da figura de Mattoso Camara no contexto da linguística entre nós são apenas alguns dos motivos que nos obrigam a justificar as decisões tomadas. Esta apresentação, portanto, é, conscientemente, quase um prestar contas que fazemos ao leitor.

Como se sabe, o livro, originalmente, deriva de um conjunto de aulas dadas por Mattoso, em inglês, na Universidade de Washington, em 1962. Explica o Professor Francisco Gomes de Matos, na *Apresentação* à obra, que se trata de curso sobre a história da linguística, ministrado durante o *Linguistic Institute*, promovido pela *Linguistic Society of America* (LSA). Cursos semelhantes são proferidos por Mattoso três anos e meio mais tarde em Montevideo – por ocasião do I Instituto de Linguística, promovido pelo Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI) e pela Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) – e no México, em outro Instituto de Linguística patrocinado pelas mesmas entidades. Esses últimos cursos foram ministrados em português. Ainda nessa *Apresentação*, encontramos a informação de que “o texto original em língua inglesa [...] não mais foi utilizado pelo autor, havendo, entretanto, circulado no México uma série apostilada de lições incompletas em português” (Matos 1986: 7). Acrescenta ainda Gomes de Matos que Mattoso intencionava, em atendimento a uma solicitação da Editora Vozes, publicar uma história da linguística em português, com base no texto em inglês.

Sobre isso, assim se manifesta o Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, em artigo elaborado em homenagem a Mattoso¹², referindo-se aos anos 1968-1969:

O projeto principal de trabalho que considerávamos, de imediato, era a revisão e atualização da História da Linguística, que havia escrito para o curso que deu, anos antes, na Universidade de Washington. O agravamento de sua saúde em fins de 1969 e seu falecimento em fevereiro de 1970 pôs término, lamentavelmente, a este e a outros projetos (Rodrigues 2005: 23).

Mattoso Câmara vem a falecer em 4 de fevereiro de 1970 sem ter conseguido levar a cabo seu propósito. É de sua autoria, porém, “o único texto abrangente de história da linguística elaborado por um pesquisador brasileiro e publicado, ainda que postumamente, em forma de livro” (Altman 1996: 174).

O livro que conhecemos no Brasil, publicado pela Editora Vozes em 1975, é fruto de uma tradução desse material em inglês. Conforme Altman (1996: 175), trata-se de um manual intitulado originalmente de *História Sumária da Linguística*, um manuscrito inédito de 1962, conforme indicado na página da *Apresentação* manuscrita feita por Mattoso Camara a que a autora teve acesso. Informa, ainda, Altman (1996) que

o próprio Mattoso teria preparado uma tradução de 8 dos 32 capítulos originais, que circularam, em forma de apostilas datilografadas, entre os participantes [dos cursos]. Das traduções originalmente elaboradas por Mattoso, só se acha publicada aquela que viria a constituir o capítulo V do livro de 1975 – “A Descoberta do Sânscrito pela Erudição Modena” (cf. *Revista de Cultura Vozes*, 1974, 5-8 e Camara 1975: 33-37). Os demais capítulos que traduziu, bem como seus originais em inglês, continuam inéditos. Os 32 capítulos que compõem a primeira edição do livro, de 1975, foram postumamente traduzidos por uma de suas ex-alunas: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo (Altman 1996: 176).

A tradução apresentada ao grande público sempre foi motivo de controvérsia. A linguista Ângela Vaz Leão, por exemplo, em texto publicado em 1999 (cf. *Referências Bibliográficas*), procede à severa crítica da tradução e aponta casos que considera “erros de tradução” (Leão 1999: 164) e que dificultam o entendimento do conteúdo tratado, levando a autora a concluir que “somente um leitor-especialista poderá adivinhar o que está no original, [...], graças à associação de dois conhecimentos prévios: o assunto em causa e a estrutura do inglês” (Leão 1999: 166).

O que foi dito até aqui é suficiente para o leitor ter em mente a responsabilidade que sentimos quando aceitamos revisar e comentar a primeira história da linguística escrita por um

¹² Trata-se de artigo publicado no número 6 da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP) em 1984 e republicado na revista *Estudos da Língua(gem)* (UESB) em 2005, cf. *Referências bibliográficas*.

linguista brasileiro. Imediatamente fomos invadidos por uma série de dúvidas: O que pode ser alvo de revisão na obra? O que é passível de comentário? Revisão de que natureza? Comentários de que tipo? Com quais propósitos? A tarefa requeria, portanto, balizagem teórico-metodológica muito clara.

Felizmente, fomos precedidos, na Coleção de Linguística da Editora Vozes, por duas publicações que nos serviram, em certo sentido, de modelo. A primeira delas foi a tradução comentada do livro clássico da linguística gerativa, *Estruturas sintáticas*, de Noam Chomsky, traduzido e comentado por um de nós (o Gabriel) juntamente com o Professor Sérgio Menuzzi e publicado em 2015. Essa foi a primeira tradução de *Estruturas sintáticas* no Brasil, e os tradutores tiveram a ideia de explicar alguns trechos, comentando passagens já célebres nesse que foi o primeiro livro publicado por Noam Chomsky. Os comentários tiveram a intenção de esclarecer ao leitor algumas das ideias-chave apresentadas por Chomsky nesse livro seminal, contextualizando o texto e mostrando a importância histórica de algumas das ideias pioneiras que estão presentes ali. Mantemos um pouco desse espírito aqui.

A outra publicação que nos precede foi organizada pelos colegas Emílio Gozze Pagotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida. Eles tiveram a árdua missão de, para usar suas palavras, “colocar a mão no quase sacrossanto texto de Mattoso”: recentemente os três linguistas publicaram (cf. *Referências bibliográficas*) uma *Edição Crítica* do importante *Estrutura da língua portuguesa*, livro também póstumo de Mattoso Câmara, cujo texto final, assim como o *História da Linguística* de que nos ocupamos, não foi referendado por Mattoso.

Em muitos aspectos, o trabalho dos colegas nos serviu de bússola. Na *Apresentação* que fazem à Edição Crítica, Pagotto, Figueiredo Silva e Santiago-Almeida dizem que foram

pautados por critérios normalmente utilizados na área da Crítica Textual: confronto com testemunhos diferentes do mesmo texto, observação da coerência interna do texto para fins de intervenção, preservação do que seria o espírito original do texto, depreensível a partir do exame dos testemunhos e da coerência interna (Pagotto, Figueiredo Silva & Santiago-Almeida 2019: 11).

Tais critérios pautaram intervenções de “cinco naturezas” em *Estrutura da língua portuguesa*: “macroestruturais, de diagramação, textuais, normativas e de atualização de caracteres gráficos” (Pagotto, Figueiredo-Silva & Santiago-Almeida 2019: 11).

De nossa parte, consideramos que, em geral, essas intervenções também se aplicavam ao nosso projeto (Cf. *Indicações técnicas*, a seguir); porém, quando efetivamente iniciamos o trabalho com o *História da Linguística*, percebemos que nos esperavam dificuldades específicas da obra.

A primeira delas e, por ora, incontornável: trata-se de uma tradução¹³ e não caberia a consulta aos originais em inglês neste momento, já que não se busca fazer uma revisão de tradução, mas uma edição comentada a um texto cuja circulação é consolidada na academia. Essa é a tônica de nosso trabalho: revisar e comentar o texto publicado e que tem valor historiográfico incontestado para a linguística brasileira. Não se impôs, portanto, uma revisão da tradução *per se* nem mesmo a elaboração de comentários a essa tradução. No entanto, é importante dizer, percebemos que, em alguns casos, a tradução pode embaçar a abordagem objetiva do tema em tela como, por exemplo, quando Mattoso, explicando o advento da linguística saussuriana, diz que Ferdinand de Saussure “fez uma nítida distinção entre a **linguagem** propriamente dita (*la langue*) e o discurso (*la parole*)” (grifo nosso).

Ora, sabemos que o inglês não oferece a possibilidade de distinção lexical entre *língua* e *linguagem*, havendo apenas o vocábulo *language* para ambas. Certamente o pai da linguística brasileira teve, na oportunidade, de escrever *language* por imposição da língua inglesa, mas, sem dúvida, referia-se ao conceito de *língua* em Saussure. Comprova essa nossa leitura a decisão de manter os termos franceses *langue* e *parole* entre parênteses, que são equivalentes à *língua* e *fala* em português. Certamente, em uma tradução supervisionada por Mattoso encontraríamos, para essa ocorrência, “a **língua** propriamente dita” ou tão somente “a **língua**”, o que se coaduna melhor com a teoria de Saussure.

Nesse caso e em outros semelhantes, vimo-nos, portanto, na obrigação de tecer comentários que, bem entendido, não objetivam “corrigir” a tradução – o que seria descabido sem prévia consulta detida ao original –, mas “abrir” o texto a outras interpretações, precisar ideias, desfazer possíveis ambiguidades.

A segunda dificuldade diz respeito à oscilação no tratamento dado aos títulos das obras listadas no interior do livro. Há algumas que aparecem com títulos em português – certamente porque estavam escritas, originalmente, em inglês –; há outras que aparecem com títulos em suas línguas de origem. Algumas obras aparecem com sua data de publicação; sobre outras, não havia qualquer informação. Como se trata de uma “história” da linguística, tais oscilações não são de

¹³ Informa Albertina Cunha, no *Prefácio à 6ª edição* adjungido à obra, que o original desta obra em inglês encontra-se no Acervo Professor Mattoso Camara junto à Biblioteca Central da Universidade Católica de Petrópolis.

menor importância. Nesses casos, então, optamos por, sempre que possível, fornecer o título na língua original e uma tradução entre colchetes. Além disso, buscamos, sempre que possível, apontar, entre parênteses, a data de publicação de cada obra. Com isso, pensamos preservar condições para o leitor buscar maiores informações a respeito de autores e obras.

A terceira dificuldade e, segundo pensamos, a que nos provocou sentimentos mais ambíguos, diz respeito ao evidente inacabamento do texto do ponto de vista de seu conteúdo. Qualquer conhecedor da obra mattsiana conseguirá ver que há inúmeros pontos em que há uma grande condensação de informação, próprio a materiais que são escritos com a finalidade de guiar aulas, palestras etc. Sabemos bem que, muitas vezes, materiais escritos para esse fim não são mais do que um conjunto de tópicos, não raras vezes gerais, que são desenvolvidos e aprofundados por ocasião de sua exposição oral. Além disso, o livro não apresenta nenhum tipo de nota, raras indicações bibliográficas e poucas citações (não identificadas em referência).

Como proceder nesses casos? De um lado, seria ingênuo e mesmo pretensioso outorgar-se o poder de adivinhar o que o mestre “queria dizer”. De outro lado, tendo em vista a natureza de nosso trabalho, não poderíamos nos furtar de complementar informações técnicas ou teóricas apenas aventadas por Mattoso. Decidimo-nos, enfim, por um procedimento misto, utilizando, para tanto, um sistema de notas (tanto no final do livro quanto no rodapé).

Os comentários apresentados em nota ao final do livro estão distribuídos em função dos capítulos. Tais comentários têm objetivos diferentes: há casos em que simplesmente fazemos alguma complementação relativa a autores, fatos e obras referidos no livro; há casos em que expandimos alguma informação ou ideia, ou porque a julgamos demasiado resumida ou porque ela poderia suscitar alguma ambiguidade; há casos ainda em que buscamos historicizar a formulação dada por Mattoso, tentando indicar o contexto que o autorizou a dizer o que disse e, quando necessário (e possível), indicamos alguns desdobramentos posteriores que o assunto obteve no meio especializado. Nossa inspiração aqui foi, guardadas as proporções, a excelente edição crítica do *Curso de linguística geral* (CLG) de Ferdinand de Saussure, publicada em italiano por Tullio de Mauro, em 1967, em especial quando afirma que algumas de suas notas visam indicar, a propósito do texto do CLG, “os antecedentes na cultura anterior ou em suas reflexões e publicações [e] (...) os desenvolvimentos e as transformações de pontos de vista entre 1916 e nossos dias” (De Mauro 1976: XVII).

As notas de rodapé foram reservadas para a indicação de datas de nascimento e eventualmente de morte dos linguistas lembrados por Mattoso, além de suas nacionalidades. Tais

notas aparecem sempre na primeira ocorrência do nome do autor. Também colocamos em notas de rodapé indicações de alteração terminológica.

Estão na base de nosso trabalho duas pesquisas. Primeiro, a leitura detida do livro publicado fazendo dele *causa petendi* de um comentário quase exegético. Dito de outro modo, quisemos conhecer o máximo possível o texto que nos foi colocado à disposição. Foi apenas com isso que contamos. Segundo, a exploração de uma vasta bibliografia que nos permitisse acompanhar minimamente a erudição de nosso autor.

Queremos tornar público, ainda, a consciência que temos da responsabilidade que pesa sobre nós. Mattoso Camara é, reconhecidamente, o pai da linguística brasileira; sua obra testemunha isso sob qualquer perspectiva que seja escrutinada. Por isso, ocorreu-nos reproduzir aqui as sábias palavras de Charles Bally e Charles-Albert Sechehaye (1975: 4), proferidas por ocasião do prefácio que fazem à primeira edição do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, também conhecido como o pai da linguística moderna:

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida.

Essas palavras, aliadas à preocupação ética explicitada por Rudolf Engler a propósito da obra do mestre genebrino que nos serve de epígrafe, traduzem integralmente o nosso sentimento em relação ao nosso mestre.

Por fim, somos agradecidos à leitura atenta e aos comentários do colega Renato Basso e à Editora Vozes pela confiança em nós depositada.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, M. C. F. S. Memórias da linguística na linguística brasileira. **Revista da ANPOLL**. n° 2, p. 173-189, 1996.

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Charles-Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein São Paulo: Cultrix, 1975.

BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: Benveniste, E. **Problemas de linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Edição comentada. Trad. e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sergio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.

DE MAURO, T. Notes. Trad. de Louis-Jean Calvet. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Éditions critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1976.

ENGLER, R. Préface. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz. Tomo I, 1989.

LEÃO, A.V. A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a historiografia linguística. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 162- 170, 1º sem. 1999.

MATOS, F. G. Apresentação. In: CAMARA JR., J. M. **História da linguística**. Trad. de Maria de Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

PAGOTTO, E. G; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. & SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Apresentação. In: CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa. Edição crítica**. Petrópolis: Vozes, 2019.

RODRIGUES, A. D. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. **Estudos da língua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 2, p.11-28, Dez./2005.

Anexo II – Nomes linguistas, filósofos, cientistas e pensadores citados por Mattoso em HdL

Abraham Hyacinthe Anquetil-Duperron
Adalbert Bezzenberger
Adolf Holtzmann
Adolf Kiessling
Aelfric
Aelius Stilo
Agostino Gemelli
Alan Henderson Gardiner
Albert Cuny
Albert Dauzat
Albert Joris van Windekens
Albert Paul Weiss
Albert Thumb
Alexander Hamilton
Alexander John Ellis
Alexandre de Villedieu
Alfred Habdank Skarbek Korzybski
Alfredo Trombetti
Alphonse Juilland
Amado Alonson
André Martinet
André-Georges Haudricourt
Angelo Canini
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana
Antoine Arnould
Antoine Meillet
Antonino Pagliaro
António de Nebrija
António Tovar
Apolônio Díscolo
Archibald Anderson Hill
Archibald Henry Sayce
Aristarco
Aristoteles
Arnold Chikabava
August Boeckh
Augusto Leskien
Avram Noam Chomsky
Bedřich Hrozný
Benedetto Croce
Benjamin Lee Whorf
Benvenuto Aronne Terracini
Bernard Bloch
Bernard Pottier
Berthold Delbruck
Björn Collinder
Bohumil Trnka
Bonaventura Vulcanius
Bronisław Kasper Malinowski
Carl Adolf Theodor Wilhelm Viëtor
Carl Brockelmann
Carl Darling Buck
Carl Friedrich Michael Meinhof
Carl Gunnar Michael Fant

Carl Johan Sverdrup Marstrander
Carl Ludwig Merkel
Carl Stumpf
César Oudin
Charles Bally
Charles Carpenter Fries
Charles Ernest Bazell
Charles Francis Hockett
Charles Kay Ogden
Charles William Morris
Charles-Albert Sechehaye
Christian Bartholomae
Christian Lassen
Christianus Cornelius Uhlenbeck
Cirilo
Claude Lancelot
Crates de Mallos
Dámaso Alonso
Daniel Jones
Dante Alighieri
Democrito
Diedrich Hermann Westermann
Dionísio da Trácia
Duns Scotus
Edgar Howard Sturtevant
Edmond Edmont
Eduard Rudolf Thurneysen
Edward Hincks
Edward Sapir
Edward Wheeler Scripture
Elio Donato
Elise Richter
Elseus Sophus Bugge
Emil Paul Seelmann-Eggebert
Emil Sieg
Émile Boisacq
Émile Durkheim
Epicuro
Eric Buyssens
Ernest Muret
Ernst Cassirer
Ernst Emanuel Tappolet
Ernst Wilhelm Ritter von Brücke
Esaias Tegnér
Estienne Guichard
Étienne Bonnot de Condillac
Étienne-Jules Marey
Eugene Albert Nida
Eugene Burnouf
Eugene Lerch
Fedot Petrovich Filin
Ferdinand Sommer
Fernão de Oliveira
Filipp Fedorovitch Fortunatov

Filippo Sasseti
Franc Miklošič
Francis Bacon
Francisco Sanchez de las Brozas
François Charles Eugène Thurot
François Just Marie Raynouard
Franz Bopp
Franz Nikolaus Finck
Franz Uri Boas
Frederick Henry Jungemann
Frederik Munter
Friedrich Christian Diez
Friedrich Conrad August Fick
Friedrich Delitzsch
Friedrich Kluge
Friedrich Stolz
Fritz Mauthner
Fyodor Aleksandrovich Braun
Gaius Marius Victorino
Gaston Paris
Gaston-Laurent Coeurdoux
Georg Curtius
Georg Friedrich Grotefend
Georg von der Gabelentz
Georg Wenker
Georg Wilhelm Friedrich Hegel
George Leonard Trager
George Millardet
Georges Gougenheim
Giulio Bertoni
Giuseppina Pastori
Gottfried Wilhelm Leibniz
Grandgeant
Graziadio Isaia Ascoli
Guillaume Postel
Gustav Meyer
Gustav Stern
Gustave Guillaume
Guy Miège
Gyula Laziczius
Hans Frederik Hendriksen
Hans Jørgen Uldall
Hans Krahe
Hans Sperber
Heikki Paasonen
Heinrich Max Franz Hönigswald
Heinrich Robert Zimmer
Heinrich Schneebei
Hendrik Josephus Pos
Henri Bergson
Henry Allan Gleason
Henry Creswicke Rawlinson
Henry Frei
Henry Lee Smith
Henry Sweet
Heraclito
Hermann Collitz
Hermann Hirt

Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz
Hermann Otto Theodor Paul
Heymann Steinthal
Holger Pedersen
Hugo Winckler
Iorgu Iordan
Ivan Ivanovich Meschtschaninov
Ivor Armstrong Richards
Jakob Hornemann Bredsdorff
Jakob Jud
Jakob Wackernagel
Jan Nieciśław Ignacy Baudouin de Courtenay
Janós Lotz
Jean-Jacques Rousseau
Jean-Pierre Rousselot
Jerzy Kurylowicz
Joan Dafydd Rhys
João Batista Vico
Job Ludolf
Johan Fredrik Breda Storm
Johan Nicolai Madvig
Johann Baptist Hofmann
Johann Gottfried Herder
Johann Heinrich Hübschmann
Johann Kaspar Zeuss
Johann Leo Weisgerber
Johann Nepomuk Czermak
Johannes Evelinus Sköld
Johannes Friedrich Heinrich Schmidt
John Chadwick
John Palsgrave
John Rupert Firth
John Wesley Powell
Jørgen Alexander Knudtzon
Jørgen Ebbesen Forchhammer
Josef Vachek
Joseph Chlumsky
Joseph Dobrovsky
Joseph Harold Greenberg
Joseph Vendryes
Joshua Whatmough
Jost Trier
Jules Gilliéron
Jules Jeanjaquet
Julien Vinson
Julio Torrend
Julius Caesar Scaliger
Julius Oppert
Julius von Klaproth
Karl Adolph Verner
Karl Bernhard Wiklund
Karl Brugmann
Karl Buhler
Karl Friedrich Salomon Liscovius
Karl Jaberg
Karl Moritz Rapp
Karl Richard Lepsius
Karl Vossler

Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel
Kenneth Lee Pike
Klas Bernhard Johannes Karlgren
Knud Dag Nielsen Togeby
Konrad Gessner
Laura Soames
Leo Simon Reinisch
Leo Spitzer
Leonard Bloomfield
Lev Shcherba
Lorde Monboddo
Lorenzo Valla
Louis Gauchat
Louis Herbert Gray
Louis Meigret
Louis Trolle Hjelmslev
Lucien Levy Bruhl
Ludvig Frands Adalbert Wimmer
Marcel Cohen
Marie-Paul-Hyacinthe Meyer
Martin Anton Maurus Marty
Martin Joos
Martin Thomas Hermann
Matteo Giulio Bartoli
Maurice Bloomfield
Maurice Grammont
Metódio
Michael Alexander Kirkwood Halliday
Michael George Francis Ventris
Michel Bréal
Mikołaj Habdank Kruszewski
Moritz Trautmann
Morris Halle
Morris Swadesh
Nicolaas van Wijk
Niels Ludvig Westergaard
Nikolai Yakovlevich Marr
Nikolay Sergeyevich Trubetzkoy
Norbert Jokl
Norman William Kingsley
Otto Behaghel
Otto Bohtling
Otto Dempwolff
Otto Funke
Otto Jespersen
Otto Schrader
Pali Kaccayana
Panini
Pantañjali
Parmenides
Paul Édouard Passy
Paul Grützner
Paul Kretschmer
Paul Menzerath
Paul Skok
Peter Simon Pallas
Pierre Antoine Louis Havey
Platão

Prisciano
Quintiliano
Ramon Menéndez Pidal
Rasmus Kristian Rask
Raymond William Firth
René Lafon
Renward Brandstetter
Richard Percywall
Robert Anderson Hall Jr.
Robert Caldwell
Robert Estienne
Robert Henry Codrington
Robert von Planta
Roland Grubb Kent
Rozalija Schor
Rudolf Carnap
Rudolf von Roth
Sámuel Gyarmathi
Santo Isidoro de Sevilha
Serge Karcevski
Sigmund Feist
Stephan Ullmann
Sylvain Levi
Theodor Benfey
Theodor Bibliander
Theodore Beze
Thomas Alva Edison
Thomas de Erfurt
Thomas Hobbes
Tomás Navarro Tomás
Uriel Weinrich
Viggo Brondal
Viktor Vladimirovich Vinogradov
Vilém Mathesius
Vilhelm Ludwig Peter Thomsen
Vittore Pisani
Vittorio Bertoldi
Walter Couvreur
Walter von Wartburg
Whitley Stokes
Wilhelm August Streitberg
Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek
Wilhelm Maximilian Wundt
Wilhelm Meyer Lubke
Wilhelm Paul Corssen
Wilhelm Scherer
Wilhelm Schmidt
Wilhelm Siegling
Willhelm von Humboldt
William Sidney Allen
Wladimir Skalicka
Wulfilas
Yaska
Yevgeny Dmitrievich Polivanov
Zellig Sabbetai Harris
Zoltán Gombocz